



## COMO EXERCER A CIDADANIA NO MUNDO DOS ALGORITMOS? RESENHA DE “CIUDADANOS REEMPLAZADOS POR ALGORITMOS”, DE NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

¿CÓMO EJERCER LA CIUDADANÍA EN EL MUNDO DE LOS ALGORITMOS?  
RESEÑA DE “CIUDADANOS REEMPLAZADOS POR ALGORITMOS”, DE  
NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

HOW TO BE A CITIZEN IN THE WORLD OF ALGORITHMS? REVIEW OF  
“CIUDADANOS REEMPLAZADOS POR ALGORITMOS”, BY NÉSTOR GARCÍA  
CANCLINI

Murilo Motta<sup>1</sup> 

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas  
Unesp, Unicamp, Pucsp, Brasil

**Resumo:** Esta resenha apresenta o livro *Ciudadanos Reemplazados Por Algoritmos*, de Néstor García Canclini. A obra analisa como os usos das novas tecnologias e das redes digitais transformam as relações sociais, em especial as formas de se exercer a cidadania, nos países da América Latina – tema que ganhou destaque após a pandemia da COVID-19, que forçou a migração massiva de direitos e serviços para plataformas digitais. García Canclini destaca como a concentração de poder entre algumas poucas grandes empresas transnacionais de tecnologia é um obstáculo para o exercício pleno da cidadania nas redes. Esta resenha aprofunda a análise do papel da governamentalidade neoliberal nas opções hegemônicas de desenvolvimento tecnológico. Argumentamos, em sintonia com García Canclini, que ela precisa ser substituída, em prol de novas formas de organização social que priorizem a pluralidade e a democracia.

**Palavras-Chave:** Big Tech; Capitalismo de vigilância; Governamentalidade; Neoliberalismo; Redes digitais.

**Resumen:** Esta reseña presenta el libro *Ciudadanos Reemplazados Por Algoritmos*, de Néstor García Canclini. El libro analiza cómo los usos de las nuevas tecnologías y las redes digitales han transformado las relaciones sociales, especialmente las formas de ejercicio de la ciudadanía en los países de América Latina - tema que ganó protagonismo tras la pandemia de COVID-19, que obligó a la migración de muchos derechos y servicios para plataformas digitales. García Canclini destaca cómo la concentración

---

<sup>1</sup> Estudante de Maestría en el Programa de Postgrado en Relaciones Internacionales San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP), beneficiario de la beca CAPES (PROCAD-DEFESA) y miembro de la Red de Investigación en Autonomía Estratégica, Tecnología y Defensa (PAET&D). E-mail: [murilo.motta@unesp.br](mailto:murilo.motta@unesp.br)

de poder entre las grandes empresas transnacionales de tecnología digital es un obstáculo para el pleno ejercicio de la ciudadanía en las redes digitales. Esta reseña profundiza el análisis del papel de la gubernamentalidad neoliberal en las opciones hegemónicas de desarrollo tecnológico. Argumentamos, en línea con García Canclini, que es necesario reemplazarla, a favor de nuevas formas de organización social que prioricen la pluralidad y la democracia.

**Palabras-clave:** Big Tech; Capitalismo de vigilancia; Gubernamentalidad; Neoliberalismo; Redes digitales.

**Abstract:** This review presents the book *Ciudadanos Reemplazados Por Algoritmos*, by Néstor García Canclini. The book analyzes how the uses of new technologies and digital networks have transformed social relations, especially the ways of exercising citizenship in Latin America countries – a theme that gained prominence after the COVID-19 pandemic, which forced the migration of many rights and services to digital platforms. García Canclini highlights how the concentration of power among large transnational digital technology companies is an obstacle to the full exercise of citizenship in digital networks. This review deepens the analysis of the role of neoliberal governmentality in the hegemonic options for technological development. We argue, in line with García Canclini, that it needs to be replaced, in favor of new forms of social organization that prioritize plurality and democracy.

**Keywords:** Big Tech; Digital Networks; Governmentality; Neoliberalism; Surveillance capitalism.

---

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.185823](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.185823)

*Recebido em: 17/05/2021  
Aprovado em: 30/12/2021  
Publicado em: 30/12/2021*

Néstor García Canclini é um antropólogo cultural, muito atento às tendências do sistema internacional, que, ao longo de seu trabalho intelectual, busca compreender as relações entre globalização e mudanças socioculturais na América Latina, em especial os impactos destes fenômenos sobre a estética, os hábitos de leitura, as estratégias criativas e as redes culturais dos jovens – agenda à qual ele vem agregando, nas últimas décadas, o papel das novas tecnologias da informação (GARCÍA CANCLINI, 2008). Ele é professor e pesquisador do Departamento de Antropologia da Universidade Autônoma Metropolitana da Cidade do México, Doutor em Filosofia pela Universidade Nacional de La Plata (Argentina) e pela Universidade de Paris-Nanterre (França) e, durante o

biênio 2020-2021, também é o titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP).

Seu livro mais recente, *Ciudadanos Reemplazados por Algoritmos* (Bielefeld University Press, 2020, 176 pp.) analisa criticamente os impactos dos usos neoliberais das novas tecnologias e das redes digitais sobre as transformações das desigualdades sociais e suas implicações para o exercício da cidadania no mundo contemporâneo. No contexto da pandemia de COVID-19, com a migração massiva de diversos direitos e serviços para plataformas digitais, sua análise é tão bem-vinda, quanto é necessária.

Neste livro, García Canclini quer compreender qual o papel dos cidadãos no capitalismo global e eletrônico. Isto é se perguntar: como exercer a cidadania no mundo contemporâneo? A tensão fundamental explorada pelo autor é a de que, embora as redes digitais permitam uma participação mais horizontal dos cidadãos no debate público, as experiências práticas dos movimentos auto-organizados pela Internet têm tido curta duração. Tal fato acontece porque a Internet permite que tanto os atores, quanto as formações de poder, estejam em constante reconfiguração, de modo que surgem expressões híbridas de sociabilidade, onde o poder não tem uma estrutura binária, mas uma complexidade dispersa (GARCÍA CANCLINI, 2020, p. 129).

O livro é dividido em oito seções. Em um primeiro momento, são introduzidos os conceitos de “desglobalização”, “despolitização” e “descidadanização” como efeitos da governamentalidade neoliberal. García Canclini se baseia nos estudos de Foucault (2008a; 2008b) acerca da governamentalidade, do liberalismo e do neoliberalismo. A governamentalidade se refere ao conjunto de instituições, cálculos e táticas que tem “por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008b, p. 143). Por sua vez, o liberalismo é uma concepção política que busca formas de limitação do exercício do poder do

Estado. Para os liberais, o mercado, cujos mecanismos supõem-se espontâneos, permitiria estabelecer quando se governa em demasiado. Os neoliberais, em contrapartida, questionam a espontaneidade natural do mercado e elegem como princípio regulador da limitação da ação governamental a racionalidade da competição, isto é, um cálculo dos custos e benefícios da ação governamental (CASTRO, 2014, p. 114-115).

A partir deste arcabouço teórico, García Canclini explora o efeito das novas tecnologias digitais, desenvolvidas sob a égide da governamentalidade neoliberal, sobre a construção das subjetividades humanas, destacando seus efeitos de marginalização sobre diversas populações na América Latina. Em seguida, García Canclini desenvolve uma análise sobre o cidadão-usuário monitorado pelos sistemas algorítmicos, destacando as aproximações e as divergências deste em comparação ao cidadão-espectador da vídeo-política, conceito desenvolvido em seus trabalhos anteriores (GARCÍA CANCLINI, 1995).

Então, ele analisa a inserção da juventude nesta realidade ao mesmo tempo digital e neoliberal, buscando, nas culturas jovens, formas alternativas de exercício da cidadania no futuro. O autor se concentra no debate sobre como as relações entre indivíduos, empresas e Estado têm sido transformadas pelo novo paradigma técnico-informacional das redes digitais; notadamente, ele estuda alguns movimentos de protesto, para compreender como a mobilização política através dessas redes tem transformado o conceito de cidadania. Por fim, García Canclini discute algumas perspectivas de organização social oferecidas pelas plataformas digitais, em oposição às instituições tradicionais, ao mesmo tempo em que propõe algumas estratégias para buscar a emancipação das condições de subordinação cultural, política, social e tecnológica que marcam as experiências de indivíduos e, também, de países latino-americanos.

*“Ciudadanos Reemplazados por Algoritmos”* parte da análise da contração da economia global após a crise de 2008 como marco de uma mudança na dinâmica da globalização, inaugurando um processo de “desglobalização”. Este processo é marcado por menor disposição à

cooperação multilateral entre os Estados nacionais. Ao mesmo tempo, os governos de países do Sul Global têm apostado em parcerias com grandes empresas privadas, muitas vezes estrangeiras, para levar a cabo uma série de políticas públicas<sup>2</sup>. Com isso, grandes empresas de tecnologias digitais, principalmente dos EUA, se beneficiam da livre-circulação de capitais para atuar em diferentes países ao redor do globo.

As grandes empresas estadunidenses de tecnologias digitais (*Big Tech*), Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft (GAFAM), transformaram radicalmente o formato tradicional de expressão dos poderes políticos e econômicos, redefinindo o próprio sentido social de muitos de nossos hábitos, como o trabalho, o consumo, a comunicação e, mesmo, a exclusão social. Ainda assim, os impactos da transferência deste tipo de tecnologia – que incorpora, além da técnica, complexos fatores culturais, econômicos, políticos e sociais dos países centrais – para os países do Sul Global ainda são pouco discutidos na academia.

De fato, a popularização das redes e plataformas digitais tem levado à reinvenção das formas tradicionais de mobilização social e exercício da cidadania. Na busca individual por comunidades afetivas e por uma vida em comum, as redes digitais surgiram com a promessa de oferecer maior horizontalidade entre os usuários do que a relação vertical entre os meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão, e seus espectadores. Por exemplo, jovens de todo o globo têm utilizado as redes digitais para organizar seus descontentamentos: dos protestos estudantis no Chile, de 2010, ao movimento dos indignados na Espanha e o “*Occupy Wall Street*”, de 2011, passando pela “Primavera Árabe” na Tunísia e no Magreb, de 2012, e pelos protestos de junho de 2013, no Brasil. Mas, García Canclini constata que esta popularização das novas tecnologias expande ao mesmo tempo em que neutraliza a participação social, porque é capturada pela governamentalidade neoliberal. Conforme explicita Silveira

---

<sup>2</sup> Veja-se o caso, por exemplo, do Governo brasileiro que migrou o Sisu (Sistema de Seleção Unificada), a principal forma de acessar o ensino superior brasileiro, para os *data centers* da Microsoft, de modo a aumentar a capacidade de acessos (BRASIL, 2020); com isso, abriu mão de desenvolver iniciativas próprias de gestão de dados tão sensíveis quanto os referentes ao desempenho escolar dos jovens brasileiros.

(2019), essa captura opera nas redes e plataformas digitais dissipando e anulando quaisquer ações coletivas que busquem criar outras lógicas que não sejam voltadas à reprodução do capital.

A análise de García Canclini está em sintonia com as conclusões de Brown (2019), que também explora como o neoliberalismo “despolitiza” a vida em comum ao restringir o alcance do poder político democrático nos Estados nacionais, através da neutralização preventiva do antagonismo sociopolítico, em prol de soluções oferecidas pela racionalidade da concorrência. Neste sentido, o neoliberalismo pode ser entendido, como propõe Foucault (2008a), como uma nova visão de mundo, escorada em um conjunto original de aparatos discursivos, práticas sociais e formas de conduta individual que buscam generalizar o princípio da concorrência em todas as dimensões da vida social. Assim, “trata-se de fazer do mercado, da concorrência e, por conseguinte, da empresa, o que poderíamos chamar de poder enformador da sociedade” (FOUCAULT, 2008a, p. 203).

Ademais, o neoliberalismo contemporâneo se associa a uma governamentalidade algorítmica, isto é, a uma racionalidade estruturada sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar e afetar, por antecipação, os comportamentos humanos possíveis (ROUVROY; BERNIS, 2015). Os algoritmos são a base dos códigos e programas por trás dos sistemas informáticos, de comunicação e controle do fluxo de informações. As tecnologias digitais e os sistemas algorítmicos, porque incorporam a governamentalidade neoliberal<sup>3</sup>, operam reduzindo as relações humanas a informações quantificáveis, passíveis de serem codificadas, programadas e reprogramadas, de modo a garantir lucros para os verdadeiros clientes de empresas como as GAFAM: seus anunciantes.

---

<sup>3</sup> Com efeito, em seu estudo sobre como a razão política neoliberal contribuiu para a ascensão da direita antidemocrática nos EUA, Brown (2019, p. 224) destaca o papel das novas tecnologias digitais na criação de um novo tipo de sociabilidade, “radicalmente desterritorializada e desdemocratizada”, que ainda não tem “protocolos claros quanto à partilha do poder, à emancipação ou ao comprometimento com a negociação de visões e necessidades diversas, a inclusão ou a pluralidade”. Deste modo, a autora conclui que, a despeito de seus méritos, essas tecnologias “sozinhas não substituem as práticas democráticas e de igualdade política”.

García Canclini destaca que essas grandes empresas transnacionais são mais poderosas que muitos Estados enquanto atores nas relações internacionais, porque elas possuem a capacidade de gerenciar significativamente a mobilização social, (des)organizando comunidades afetivas através do controle sobre a atenção e as informações que chegam aos seus usuários. Os jovens são identificados como o grupo mais vulnerável às perversidades do uso neoliberal das novas tecnologias, porque estão mais conectados ao mundo digital. Ainda assim, a análise do autor pode ser enriquecida pela tese de Zuboff (2021) acerca do “capitalismo de vigilância”, que caracteriza o poder destas empresas como decorrente de um novo modelo de produção capitalista, capaz de reformular o complexo socioeconômico e cultural porque procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado. Conforme destaca a autora, os serviços e plataformas digitais, ofertados por empresas como as GAFAM, são desenhados para extrair o máximo possível de dados de seus usuários. Então, estes dados são tratados e vendidos como modelos preditivos do comportamento humano, que também permitem sua modificação por antecipação.

Além de estarem inseridos nessas novas formas de governamentalidade algorítmica, que permeiam a experiência cotidiana na Internet e tornam difícil conciliar o exercício da cidadania à era digital, os jovens latino-americanos experimentam uma tensão constante face à exposição ao desemprego e à insegurança social. Embora a juventude continue sendo privilegiada por García Canclini (2020, p. 58 e ss.) na busca de formas alternativas de organização sociocultural, ele constata que sua mobilização política é dificultada pela grande desigualdade social da região, onde, além da separação tradicional entre ricos e pobres ou entre trabalhadores qualificados e não-qualificados, a separação entre trabalhadores formais e trabalhadores informais é marcante. Plataformas digitais como Uber, iFood e Rappi, têm crescido neste ambiente de precarização do trabalho, que fomenta a informalidade. Sua aparência de “economia colaborativa” não deve mascarar sua estratégia de auferir lucros

sem grandes compromissos com as realidades locais ou sistemas jurídicos dos Estados onde atuam. O autor ressalta como esta precarização, somada à reorganização das experiências socioculturais pela instantaneidade da comunicação através das Internet, tem limitado os horizontes de futuro dos jovens da região.

Ante a impossibilidade de desmontar o conjunto do sistema que oprime, “desglobaliza” “despolitiza” e “descidadaniza”, nos termos de García Canclini, os indivíduos optam por se associar a “cidadanias setoriais”, sejam de mulheres, de jovens, de migrantes ou de vizinhos. Com isso, organizam redes alheias ao poder político central e ao neoliberalismo. Entretanto, este modelo de ação política é movido por uma *descrença* no sistema, mais do que por uma vontade de *transformá-lo*.

Para compreender essa opção conservadora, García Canclini (2020, p. 81-82) retoma a distinção gramsciana entre dominação, que é uma simples imposição, e a hegemonia, que é o controle que se torna consensual ao levar em conta as necessidades e os desejos dos subjugados. Segundo o autor, a capacidade do sistema capitalista articular hegemonicamente alianças entre sindicatos, empresários, líderes locais, intelectuais, movimentos urbanos e populares heterogêneos garante a manutenção deste sistema social desigual através de diversas formas que se adaptam à realidade econômica e tecnológica de um dado momento histórico. Neste ponto, ao destacar a capacidade de o capitalismo se adaptar às realidades locais, García Canclini relewa o fato de que essa estratégia é levada a cabo através da uniformização de diferentes culturas e sociedades, de modo que, mais do que se adaptar às diferenças, o capitalismo dissolve e elimina o diferente, como destaca Wallerstein (2001, p. 71-72)<sup>4</sup>.

Portanto, para redescobrir como exercer a cidadania no mundo contemporâneo, devemos enfrentar o problema-chave que é a concentração de poder entre alguns poucos governos, algumas poucas empresas e alguns poucos programadores. A pandemia de COVID-19

---

<sup>4</sup> “Para que se possa esperar que certo número de pessoas se comportem de certa maneira no âmbito da economia, é preciso ensinar as normas culturais requeridas e erradicar as normas culturais competidoras” (WALLERSTEIN, 2001, p. 72).



tornou clara nossa dependência à infraestrutura e aos serviços oferecidos pelas GAFAM. Embora seus produtos incorporem as desigualdades econômicas e políticas que caracterizam o sistema-mundo capitalista, suas plataformas também são utilizadas para a organização de protestos e outras formas de resistência e exercício da cidadania.

O autor conclui que a cidadania, entendida sob o enfoque do indivíduo liberal moderno, não pode atender às necessidades políticas do mundo contemporâneo (GARCÍA CANCLINI, 2020, p. 119-120). O empoderamento político só é efetivo quando contribui para transcender os essencialismos étnicos, de gênero e de nacionalidade que costumam acompanhar as afirmações de identidades individuais (FERNÁNDEZ, 2008). Para tanto, devemos entender a cidadania como uma prática de construção de estratégias de emancipação *conjuntas* ou *convergentes*, que podem se beneficiar do uso das novas tecnologias, desde que os conhecimentos necessários para desenvolver e operar os sistemas algorítmicos das tecnologias digitais de ponta sejam democratizados.

Para retomar mais um conceito gramsciano, a emergência dos sistemas algorítmicos nos coloca em um interregno<sup>5</sup>, em que o que resta das velhas formas de ser não serve para a vida contemporânea, mas ainda não temos novas formas de organização que permitam desenvolver um sentido menos abstrato e mais plural para a cidadania, através das redes digitais. A criação de oportunidades para a discussão de futuros socioculturais alternativos deve começar pela crítica aos poderes hegemônicos que orientam tendenciosamente as opções de desenvolvimento tecnológico segundo a visão de mundo neoliberal. Nosso desafio é construir capacidades institucionais que permitam a participação ativa dos cidadãos não só nos debates sobre as opções de desenvolvimento tecnológico, mas também naqueles sobre o funcionamento e as implicações globais destas novas tecnologias.

---

<sup>5</sup> Fraser (2021, tradução nossa) utiliza o termo para caracterizar o cenário atual da política interna estadunidense, em que “Permanecemos, para usar os termos de Gramsci, em um interregno, onde o velho está morrendo e o novo não pode nascer. Nessa situação, você tende a ter uma série de oscilações políticas [...] entre alternativas que estão esgotadas e não podem ter sucesso”.

A pandemia de COVID-19 favoreceu a migração de diversos direitos e serviços para as redes digitais, bem como permitiu a emergência de novas ferramentas de vigilância e de gestão de políticas públicas, aumentando ainda mais o impacto das tecnologias digitais sobre a vida humana. Muitas dessas iniciativas partiram das GAFAM, o que reforçou seu poder ao redor do globo<sup>6</sup>. Para garantir a participação ativa dos cidadãos no desenho e no controle destas ferramentas e plataformas digitais, é necessário politizar as novas tecnologias, para que possamos decidir conscientemente sobre as opções de desenvolvimento tecnológico, que devem ser encaradas pela sociedade como de interesse público (GARCIA DOS SANTOS, 2003, p. 12). Isto é feito por García Canclini, que, outrossim, sintetiza discussões importantes para as Ciências Humanas e Sociais contemporâneas acerca das complexas relações entre os fatores culturais, econômicos e políticos que as tecnologias digitais incorporam e reproduzem. Ademais, ele agrega ao debate as dimensões de etnia, gênero e identidade, de modo a analisar os impactos específicos sobre o Sul Global, em geral, e sobre a América Latina, em particular, destas transformações do mundo contemporâneo, impulsionadas pelas novas tecnologias, destacando que há alternativas e oportunidades de emancipação latentes em todo processo de mudança sociocultural.

## Referências

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Politeia, 2019.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BRASIL. Rede Nacional de Ensino e Pesquisa. **Computação em nuvem oferece mobilidade e maior disponibilidade para acessar sistemas do MEC**, 2 mar. 2020. Disponível em:

---

<sup>6</sup> Analisando a Interface de Programação de Aplicativos (API) disponibilizada gratuitamente por Apple e Google para o desenvolvimento de ferramentas de rastreamento de contatos durante a pandemia de COVID-19, Sharon (2020, tradução minha) destaca que "Apple e Google não apenas contribuíram com sua experiência técnica para a resposta à pandemia, mas também determinaram – em alguns casos muito mais do que os Estados soberanos – qual caminho seguir, estabelecendo as condições sob as quais os aplicativos poderiam existir e como os governos poderiam usá-los". Ainda segundo a autora, "o que estamos testemunhando à medida que essas empresas se movem para novos setores é que a experiência técnica – em termos de coleta de dados, análise de dados e desenvolvimento de infraestrutura – que lhes confere uma vantagem clara e legítima na esfera dos bens digitais, está atualmente sendo convertida em vantagens em outras esferas, como a esfera da saúde e da medicina e a esfera da política".

<https://www.rnp.br/noticias/computacao-em-nuvem-oferece-mobilidade-e-maior-disponibilidade-para-acessar-sistemas-do>. Acesso em 30 set. 2021.

FERNÁNDEZ, Ana María. “Las diferencias desigualadas: multiplicidades, invenciones políticas y transdisciplina”. **Nómadas**, n.30, abril 2008.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FRASER, Nancy. American Interregnum. **Sidecar** [New Left Review blog], 09 abril 2021. Disponível em: <https://newleftreview.org/sidecar/posts/american-interregnum>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. México: Grijalbo, 1995.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos Reemplazados Por Algoritmos**. Bielefeld University Press, 2020.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sociotécnico da informação digital e genética**. São Paulo: Editora 34, 2003 .

ROUVROY, Antoinette; BERNIS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? **Revista ECO-Pós**, v. 18, n. 2, p. 36-56, 2015.

SHARON, Tamar. Blind-sided by privacy? Digital contact tracing, the Apple/Google API and Big Tech’s newfound role as global health policy makers. **Ethics and Information Technology**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10676-020-09547-x>

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 3, n. 6, 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/47872489/Shoshana\\_Zuboff\\_A\\_era\\_do\\_capitalismo\\_de\\_vigilancia](https://www.academia.edu/47872489/Shoshana_Zuboff_A_era_do_capitalismo_de_vigilancia). Acesso em: 30 dec. 2021.